Capítulo XII

Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945)[1]

DESDE O PRÓPRIO TÍTULO fica bem claro que escolhi um tema muito amplo. O que posso tentar fazer é escrever uma declaração inicial de caráter pessoal, como se este fosse o capítulo introdutório de um livro.

Não pretendo apresentar em primeiro lugar uma resenha histórica, mostrando o desenvolvimento de minhas idéias a partir das teorias de outras pessoas, porque minha mente não funciona dessa maneira. O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro.

A respeito do desenvolvimento emocional primitivo, há muita coisa desconhecida ou insuficientemente compreendida, ao menos por mim, e não seria impróprio dizer que esta discussão deveria ser adiada por uns cinco ou dez anos. Contra essa idéia, porém, há o fato de que os mal-entendidos ocorrem com freqüência nas reuniões científicas da Sociedade, e talvez cheguemos à conclusão de que já sabemos o suficiente para evitar alguns desses mal-entendidos através de uma discussão desses estados emocionais primitivos.

Interessado primariamente pelos problemas emocionais da criança e do bebê, decidi estudar a questão da psicose na análise. Tive cerca de doze pacientes adultos psicóticos, e metade deles foi analisada de modo bastante extenso. Isto ocorreu durante a guerra, e devo dizer que eu mal percebia os bombardeios, ocupado que estava com a análise de pacientes psicóticos, notória e enlouquecedoramente desatentos a bombas, terremotos e inundações.

1 Apresentado à British Psycho-Analytical Society em 28 de novembro de 1945. Publicado no *Int. J. Psycho-Anal.*, vol. XXVI, 1945.